

Representações sociais da velhice: desafios no envelhecer contemporâneo



Sandra Regina Pelisser Souza

Refletindo sobre o quanto o ser humano, único dos seres vivos capaz de simbolização, é capaz de pensar novas possibilidades para sua vida, surgiu o tema desta reflexão. Por meio de mudanças e adaptações possíveis no contexto social e cultural, vemos a possibilidade de criar novos futuros, como diz Entrango (1957): “Viver humanamente neste mundo é projetar, projetar é perguntar e perguntar é querer ser algo do que se pode ser” (in GRIFFA e MORENO, 2001: 223).

O ser humano em sua trajetória de vida está diante do mundo e suas ações se constituem em projetos, e não apenas reações automáticas às situações apresentadas. A capacidade humana de situar-se além do momento vivido abre possibilidades de projetar biograficamente, com base na história pessoal vivida em dado momento social e histórico.

No presente século ter a possibilidade de chegar a uma idade avançada já é privilégio de expressivo contingente de pessoas, e o envelhecimento populacional se apresenta como ganho em termos sociais para todos nós.

A sociedade atribui valores às relações sociais relacionados com a competitividade e valorizando a capacidade para o trabalho, independência e autonomia funcional. Exclui, portanto, faixa expressiva da população que vivencia o último ciclo do processo de envelhecimento.

O processo de envelhecimento é dinâmico, inerente ao curso de vida, mas nessa etapa o organismo sofre alterações morfológicas, bioquímicas e funcionais. A velhice é a última etapa desse processo, universal como fenômeno, mas vivenciado como heterogêneo, complexo e singular pelos indivíduos.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS in Simões, 1998: 77), a velhice atualmente está classificada em quatro estágios: a meia-idade, dos 45 aos 59 anos; o idoso, dos 60 aos 74 anos; o ancião, de 75 a 90 anos; e a velhice extrema, situada a partir dos 90 anos. A velhice se caracterizaria como a última etapa da trajetória, sujeita a eventos e transições, porém sem a contrapartida dos ganhos biológicos e sociais das demais etapas evolutivas, ou seja, primeira e segunda infância, adolescência, maturidade e meia-idade. Fases em que existe um lugar almejado e valorizado socialmente, no qual se espera chegar, com papéis definidos a desempenhar.

A criança almeja ser adolescente, que espera vir a ser adulto, com todas as expectativas em desempenhar os papéis sociais inerentes a essas etapas de vida. Porém, amplia-se esse entendimento concebendo as relações sociais além das características etárias, abrangendo os aspectos geracionais. Fazer

parte de uma geração significa compartilhar representações sociais comuns relativas às fases históricas vividas pelos indivíduos no seio de uma coletividade que reúne ideias e valores resultantes dos acontecimentos do contexto, por meio da memória coletiva. Para Moscovici (1981: 181), a noção de representação social remete a:

[...] um conjunto de conceitos, afirmações e explicações originadas no cotidiano, no curso de comunicações interindividuais. Elas são equivalentes, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; elas podem até mesmo ser vistas como versão contemporânea do senso comum.

Segundo o autor, as representações sociais são produto da interação e comunicação entre as pessoas, processos que geram influências sociais e se configuram a cada momento. Como o idoso é afetado por essas representações sociais?

Entende-se que o espaço que o idoso ocupa socialmente é o que lhe é destinado culturalmente, ou seja, existe enquadre na forma de papéis a serem desempenhados, e expectativas para cada faixa etária, propostas pelo meio social imediato.

Para a maioria dos idosos, não há escolha consciente de papéis a desempenhar e projetos a serem criados, pois as representações sociais da velhice, de negatividade, fragilidade, época de perdas etc., são ditadas pelo modelo biomédico, como o padrão naturalizado e modelo de envelhecimentos inquestionáveis, na maioria das vezes.



A naturalização das representações sociais é sentida de modo diferente e própria a cada sujeito, parte mesma de seu ego, afetando a maneira como ele se vê e age socialmente.

[...] as representações sociais [...] não apenas surgem através das mediações sociais, mas tornam-se elas próprias mediações sociais. E enquanto mediação social, elas expressam o espaço do sujeito na sua relação com a alteridade, lutando para interpretar, entender e construir o mundo. (JOVCHELOVITCH, 1995 in FREITAS, 2010: 81)

Crenças, construídas na forma de representações sociais, são incorporadas, criadas e fortalecidas pelos indivíduos ao longo da vida, e como a identidade pessoal se constrói no jogo das relações sociais, supõe-se que a representação negativa da velhice atinge certas dimensões da identidade pessoal, como a dimensão valor, a dimensão autonomia e a dimensão poder. Sendo assim, os elementos formadores das representações e a dinâmica desse processo estão envolvidos na determinação de comportamentos e ideias

dos indivíduos de dada sociedade e refletem seu momento sócio-histórico, ou seja,

[...] as representações sociais sobre a velhice, ao longo da história, indicam os níveis de relações entre idosos e os interesses dessa coletividade no que se refere ao seu destino. Significa dizer, segundo a mesma autora, que é o sentido que os homens conferem à sua existência, é seu sistema global de valores, que define o sentido e o valor da velhice. Inversamente: através da maneira pela qual uma sociedade se comporta com seus velhos, ela desvela sem equívoco a verdade – muitas vezes cuidadosamente mascarada – de seus princípios e de seus fins (BEAUVOIR in PINHEIRO JUNIOR, 1990: 108).

Conseqüentemente, as representações sociais negativas sobre a velhice a colocam como algo a ser temido, não desejado, parecendo impossível ser vivenciado como processo que implique ganhos. Diante do crescente e irreversível aumento da expectativa de vida nas sociedades contemporâneas, principalmente nos países em desenvolvimento, é importante conceber e potencializar os idosos como agentes norteadores de sua trajetória de vida, por meio de estratégias que promovam o uso e desenvolvimento de fatores resilientes, presentes em todas as pessoas em maior ou menor grau.

A resiliência no léxico psicológico é compreendida como a capacidade humana de valer-se de recursos inatos para enfrentar as adversidades, e possibilita ao indivíduo ser transformado por fatores potencialmente estressores, adaptando-se ou superando tais experiências. É a capacidade para continuar/retomar seu desenvolvimento dentro da faixa de normalidade esperada, após experienciar condições difíceis ou de risco, as quais todos, em menor ou maior intensidade, terão de enfrentar enquanto viverem.

Como os idosos farão frente aos desafios adaptativos que demandam as questões associadas à velhice? Como se manter inserido socialmente em uma sociedade que vê a velhice como fase da vida cercada de preconceitos como inutilidade, dependência e improdutividade?

A sociedade deve possibilitar aos idosos espaços para vivenciar essa etapa de vida, utilizando todo o potencial pessoal disponível, sem se limitar pelas expectativas - impostas a eles pelas representações sociais vigentes - e ter atitude proativa, sem serem afetados, passivamente, pelos impactos negativos dos acontecimentos e mudanças experienciadas durante os muitos anos vividos na velhice.

Atuar preventivamente e planejar intervenções pontuais que incentivem pensar sobre essa fase de vida, como extensão e consequência do que foi vivido, é prepará-los para usufruir de melhor qualidade nos anos finais. Igualmente é uma forma de a sociedade primeiramente lidar e (re)pensar suas

representações sociais acerca da velhice e os sentidos do envelhecer. Para que os velhos não mais sejam representados por outros, pelas expectativas alheias, mas tenham espaços para se apresentar como eles mesmos.

Cecilia Meirelles (1963:45), no poema abaixo fala, poeticamente, sobre o processo de viver e morrer, que ocorre cotidianamente. Lembra que a morte, quando chega, deve ser vivenciada sem medo, em face da plenitude do que foi vivido.

Tu tens um medo:
Acabar.
Não vês que acabas todo o dia.
Que morres no amor.
Na tristeza.
Na dúvida.
No desejo.
Que te renovas todo o dia.
No amor.
Na tristeza.
Na dúvida.
No desejo.
Que és sempre outro.
Que és sempre o mesmo.
Que morrerás por idades imensas.
Até não teres medo de morrer.
E então serás eterno.

Pensar modos de atenção e cuidados é essencial, e é urgente o desenvolvimento de estudos e pesquisas que ofereçam apoio para as áreas governamental e privada desenvolverem orientações, campanhas e projetos que possibilitem olhares destituídos de preconceito e estereótipos sobre a velhice. Abrir novos espaços para reflexão sobre essa fase do desenvolvimento humano, nos quais seja possível uma pausa reflexiva sobre a etapa da vida que, apesar dos temores, todos, conscientemente ou não, anseiam chegar.

Referências

BEAUVOIR, S. A velhice (1990). Rio de Janeiro: Nova Fronteira. In Pinheiro Junior, G. Sobre alguns conceitos e características de velhice e terceira idade: uma abordagem sociológica. Disponível em: <http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1255/1067>

ENTRANGO, L. P. (1957). La espera y la esperanza. Madrid, Revista de Occidente. In, Griffa, M. C. e Moreno, J. E. (2001). Chaves para a Psicologia do Desenvolvimento- adolescência, vida adulta e velhice, tomo 2, p. 223, Paulinas: São Paulo.

JOVCHELOVITCH, S., GUARESCHI, P. A. (1995). Teorias em Representações Sociais, Vozes: Rio de Janeiro. In, Freitas, S. A. (UEMS); Costa, S. M. (G-UEMS/PIBIC-FUNDECT, 2010). As Representações Sociais Sobre a Velhice. *Interfaces da Educ*, Paranaíba, v. 1, n.2: 16-27. Disponível em: <http://periodicos.uems.br/index.php/interfaces/article/view/1609/179>

- MEIRELES, C. (1963). *Antologia Poética*. Record: Rio de Janeiro, 45.
- MOSCOVICI, S. (1981). On social representation, in: Forgas, J. P. Social cognition. London:Academic Press. In, Alexandre, M. Representação Social: uma genealogia do conceito. *Comum*: Rio de Janeiro, v.10, n.23: 122 a 138, jul/dez., 2004. Disponível em: <http://www.sinpro-rio.org.br/imagens/espaco-do-professor/sala-de-aula/marcos-alexandre/Artigo7.pdf>
- SIMÕES, R.(1998). Corporeidade e terceira idade: a marginalização do corpo idoso. In Correa, M. R. Cartografias do envelhecimento na contemporaneidade, velhice e terceira idade. Cultura Acadêmica/2009/Unesp: São Paulo.
- Bibliografia consultada
- O que é envelhecer bem? Portal do envelhecimento - Mente na terceira idade. Artigo escrito por Elisandra Vilella G. Sé - gerontóloga. Disponível em: <http://www.portaldoenvelhecimento.org.br/memoria/memoria218.htm>
- OLIVEIRA, Amanda M. DE M.; LOPES, Maria E. L.; EVANGELISTA, Carla B.; OLIVEIRA, Ana E. C. DE; GOUVÉIA, Eloise M. L.; DUARTE, Marcella C. S. Representações sociais e envelhecimento: uma revisão integrativa de literatura social. *Representations and Aging: an Integrative Review of the Literature. Revisão Revision*, v. 16 n. 3: 427-434, 2012. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/rbcs/article/view/12801>Capa >
- CRUZ, Vanessa V. Representações sociais de idosos acerca da velhice. *Revista Brasileira de Ciências da Saúde*. Disponível em: <http://artigos.psicologado.com/psicologiageral/desenvolvimento-humano>. Acessado em: 12/05/2013.
- STIX, G. A neurociência da coragem genuína. *Scientific American Brasil*, abril, 2011- 30-37.

Data de recebimento: 14/07/2013; Data de aceite: 20/08/2013.

Sandra Regina Pelisser Souza - advogada, psicóloga, atua na área institucional em ILPs, especializanda em Gerontologia-PUC - Campus Ipiranga.
Email: sandra4929@terra.com.br